

[Texto enviado para os participantes do encontro do dia 06/09/2019, promovido pelo projeto Cinema, Sujeitos e Territórios.]

Olá, queridxs

Neste último semestre começamos a investigar sobre as estruturas que compõe a pedagogia do cinema, nos afastando de uma hipótese instrumentalista do filme e até didatista da prática, e nos deparamos com uma possível ideia pedagógica que se baseia na concepção de movimentos e relações que o cinema possibilita. A partir disso, buscamos enxergar o que existe de cinema nos encontros que realizamos nas sextas-feiras, até mesmo quando não fazemos nenhuma prática com câmera, gravador de som ou exibição de filmes.

No último encontro não foi diferente.

Começamos com diferentes livros visuais em algumas cadeiras. A ideia era escolher um livro que te chamasse atenção. Após a escolha de todos, cada um procurou no livro alguma “forma desviante” e ficou com ela por um tempo, sem mostrar para ninguém. Cada um pegou uma folha e uma caneta e começou a preencher o papel a partir dessa forma. De tempos em tempos, cada um mudava de lugar, deixava seu papel na cadeira e continuava preenchendo o papel de outra pessoa. Após a repetição desse processo algumas vezes, nos voltamos para a forma desviante e ficamos um tempo analisando o ponto de partida e a produção encontrada.

No momento da revelação da forma inicial, pudemos ver como o caráter subjetivo foi o filtro de nossas escolhas. Ao pontuar forma desviante abrimos espaços para imagens, textos, títulos que poderiam ser eleitos como desviantes por sua forma, valor histórico e contexto editorial do livro. Neste ponto do encontro, nos perguntávamos “o que teria de cinema nisso?” e chegamos à conclusão de que o cinema estava completamente ligado a esse filtro, já que ele alterou a nossa construção subjetiva.

Se eu julgo algo como desviante, ele precisa ser desviante em relação a um outro conjunto de coisas, seja um casal sentado em um banco no meio da faixa de pedestres de uma rua movimentada nos anos 70, ou o título de uma guerrilha marcada na história nacional como combate a regimes ditatoriais, ou um cotovelo e joelho angulados repensando o corpo humano ao lado de um pelicano com o bico tão angulado quanto, essas formas desviantes propõe uma orientação que só a relação com outros artifícios é capaz de proporcionar. Colocar em relação matérias que não são audiovisuais aparece também como um ato cinematográfico.

Essa conclusão nos levou a tentar reunir o conteúdo dos papéis em um só lugar. Buscando uma relação de montagem entre eles, trocamos as folhas com a pessoa ao lado e passamos a selecionar o que interessava nelas. Colamos as formas recortadas em uma cartolina maior, de forma que os retalhos começaram a ocupar o espaço vazio. Pensamos se poderíamos chamar essa expressão de mapa ou se a palavra melhor seria roteiro. Como fazer um filme a partir dessa experiência?

As possibilidades são inesgotáveis – sem dúvida – e guardamos todas para um próximo momento. Por enquanto, sentimos um pouco de saudade de assistir filmes juntos...

Abraços e até sexta!

Ana e Keven